



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

3 DE FEVEREIRO DE 1962
ANO XVII — N.º 467 — Preço 1

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

ÁFRICA

«Acabo de receber uma carta que me veio trazer imensa alegria, pois a alegria é sempre extra quando as notícias são fresquinhas, e provêm da nossa querida Aldeia.

Não sei bem porquê, mas andava um pouco entristecido, de modo que quando a carta do Senhor Padre me veio parar às mãos, foi com alegria louca que a comecei a ler, mesmo na formatura, quando da leitura do correio.

Também fiquei imensamente satisfeito por ter o Sr. Padre tocado nuns casos que me têm dado que pensar, algumas vezes...

Realmente concordo com o Senhor Padre a respeito do que me falou; como a abertura de estradas, lançamento de linhas férreas; enfim, tudo o necessário para aumentar o nível de vida nos domínios portugueses, era realmente uma ocasião propícia. Tanto braço robusto que se encontra espalhado por Moçambique!... Dou quase a certeza que muitos ficariam por cá, formariam os seus lares, colonizavam estas terras tão abandonadas do interior, enfim fariam brotar deste solo tão rico, um manancial de riquezas, que tornariam a Pátria mais próspera, erguendo com ela, irmanados na mesma vida sã, os caracteres dos povos que anseiam a todo o momento por uma vida nova, para um mundo melhor.

Aqui em Malema trabalha-se, como já uma vez mandei dizer ao Senhor Padre mas eu não estou a trabalhar na minha arte, pois há outros que o fazem, apesar de não serem tão dextros como eu, pois por vezes custa-me ver certos trabalhos acabados de sair do telheiro que serve de oficina. Tenho a impressão que aí se aprende com mais facilidade. E já que me meti no assunto, só desejava que os meus irmãos se agarrassem um pouco mais à aprendizagem nas artes, pois cá fora das portas das nossas Casas, a vida é mais difícil e não são tão espontâneos os ensinamentos.

Oscar Galante da Silva

Não é a primeira vez que

trazemos a esta coluna as construtivas, as optimistas notícias do nosso Óscar. Apraz-nos registar a sua boa disposição de servir e o seu anseio de vir a poder realizar a sua vida naquelas «terras tão abandonadas do interior», contribuindo para que brote, enfim, «deste solo tão rico, um manancial de riquezas, que tornariam a Pátria mais próspera, erguendo com ela — irmanados na mesma vida sã — os caracteres dos povos que anseiam por uma vida nova, para um Mundo melhor».

É esta clarividência, fundada em valores reais, indiscutíveis — o trabalho sério posto em comum para a elevação dos povos que nele colaboram, conscientes de que estão erguendo com o seu esforço um Mundo melhor — é esta perspectiva, justamente, um dos mais caros ideais que sempre alimentei a respeito dos nossos rapazes que têm ido, estão indo e hão-de ir para Africa pelo tempo em fora. Que eles levem um sentido de missão. Um sentido dos outros. A certeza prática de que cada homem é um irmão. Por isso, «irmanados na mesma vida sã» — para dizer como diz, tão bem!, o nosso Óscar.

E que chamar, senão sã, a uma vida entregue a um esforço de colaboração para erguer um Mundo melhor?!

Quem dera que todos compreendessem assim: que o melhor modo de nos servirmos é servir!

Há tempo já que o Óscar (como, depois, também o Quim, agora em Ocuca, no distrito de Porto Amélia) me contara de como não tinha encontrado em Malema qualquer comodidade e de como, todos postos ao trabalho, prepararam o preciso para uma vida agradável no mato. Então me disse que alguns trabalhavam ou se preparavam para trabalhar no seu officio. Eu rejubilei. Soldados desbravadores! Deles carpinteiros, deles pedreiros, deles serralheiros e mecânicos e de todas as artes a abrir estradas e caminhos, a lançar pontes e a estabelecer comunicações, a preparar oásis em que seja possível instalar vida on-

de até agora foi selva! Abrir alicerces para o futuro deles e dos filhos deles — quão melhor não é que a expectativa ociosa de uma possível acção militar!

E estas obras são indispensáveis à execução de um plano de povoamento! E são bem caras, bem difíceis para a pequenez dos nossos recursos!

Porque não aproveitar a presença dos nossos soldados, graças a Deus pouco ocupados militarmente no norte de Moçambique, para abrir caminhos de «uma vida nova, para um Mundo melhor»?!

Creio, aliás, que foi sempre em tempo de operações militares e a propósito delas e após elas que se deram alguns dos passos mais definitivos e mais válidos na ocupação do nosso Ultramar.

Deus queira que assim seja canalizada a energia potencial guardada no coração de cada soldado português. Creio que desta forma eles compreenderão melhor a grandeza da hora que passa e estimarão mais profundamente o papel que lhes cabe na construção do futuro.



É por amor de quem dá. É para estímulo de quem lê. É para objecto de meditação de todos nós esta coluna de donativos. Que eles são preciosos, di-lo o brado lancinante dos incuráveis em abandono, e atestam-no as obras que cinquenta operários de rios vêm erguendo nesta quinta de Beire. Contamos ter pronta na Páscoa novo pavilhão destinado a 30 paraplégicos. O posto médico e salão de estar e recreio também muito em breve terá vida e utilidade. E anda já no telhado outro pavilhão para mais 30 paraplégicos. Não falo já dos alicerces cheios para a Casa de doentes que carecem de isolamento. Tudo isto justifica o esgotamento constante dos largos donativos que têm vindo e afluem. Uns e outros sumiram-se já ao tempo que aqui os damos a conhecer, para darem lugar a novas oportunidades de tu vir com todo o carinho entregar mais um óbulo escondido, mas que tanto calor vai insuflar ao doente decaído. Não copies o modo como os outros dão, mas dá-te, que só deste modo amas a verdade e agradas ao Pai Celeste. No entanto, repara neste «pequeno de septuagenários muito amigos desde que Deus os uniu».

Na Portuense Maria que dá graças a Deus por ter trabalho. Mais duas irmãs muito amigas com 1.500\$. Na viúva de Mafra com cem. Na viúva de Africa com vinte, muitas vezes. Na rapariga da Foz do Douro e na senhora inglesa cega, que traz chales, por ela confeccionados. Na pecadora assinante com quarenta, e na assinante entusiasta com 1.500\$. Na Maria Isa-

bel com 500\$ por alma do pai na Eulália da capital, e na Eulália com cem. Repara nestas Marias com cinquenta, uma em Ultramar, outra de cá. Na Aldeia com igual quantia e na Rosa de Argoneilhe com o dobro. Mais duas Celestes, uma com cem, outra de L. Marques com...

continua na página DO



As águas desceram. O rio ainda corre turvo e de mau cariz mas a Ribeira e Miragaia estão livres da cheia. As águas desceram mas, por largo tempo, ficará na memória de muitos a recordação destes dias de pesadelo e uma tristeza angustiada no seu olhar. É que há quem perdesse tudo ou quase tudo que tinha. Há ainda desalojados que não podem voltar para os míseros quartos em que viviam. Há homens da beira-rio que deixaram de ganhar o seu parco salário e há pequenos comerciantes que viram desaparecer na corrente economias de uma vida inteira. Sim, o Barredo, já tão pobre, ficou mais pobre ainda.

Pois bem: talvez a cheia e os

prejuizos não tenham sido de todo inúteis. São vários os caminhos e às vezes de um mal grande advém algum benefício. O rio veio, com a sua fúria, tornar mais claras e mais vivas situações que urge remediar, fazendo convergir para a zona ribeirinha do velho Porto as atenções de toda a gente.

O Centro Social do Barredo, podemos dizê-lo (ou melhor, devemos dizê-lo), cumpriu inteiramente o seu dever. Também os que lá trabalham tiveram de fugir. Também lá houve prejuizos consideráveis. Mas, noite e dia, com inteira devoção, ali nas improvisadas instalações junto da Igreja de S. Nicolau, os que ser-

vem no Centro tomaram todas as medidas possíveis no sentido de remediar ou atenuar a situação de emergência que se iam sucedendo rapidamente.

Agora o Barredo e o Centro precisam ainda mais de ti. Acabaram estes dias de angústia e uma grande esperança nasceu no coração de todos: esperança de um grande movimento de solidariedade e amor criado em volta dos pobres da beira-rio. Há que aproveitar o ensejo para lhes melhorar as condições de vida e transformar o seu padrão de existência sub-humano. Há ainda que cuidar com urgência, das condições habitacionais da população ribeirinha. Há, sobretudo, que ver o problema gravíssimo das albergarias, pondo termo definitivo a um mal que tem de extirpar-se de vez.

Se a cheia tiver servido de ponto de partida para este movimento, alguma coisa de muito bom deixou ficar. As águas bo-

cont. pág. QUATRO

CALVÁRIO

continuação da página UM

dez vezes mais. Nesta anónima com mil, no Raul com cem, na mãe amargurada com vinte, na Elisa com duzentos, na Margarida e na Amélia com metade. Escuta a «Portuense qualquer» que traz este «é do coração e alma agradecida que envio a migalha do costume». Mais outra Portuense com cinquenta e M. Luisa com cem. Olha para estes 160\$ com «eu também não sou rico; vivo do meu trabalho, mas tenho sido rico da graça do Senhor, e é essa que me interessa». Olha também para estes cem angolares, p'ró cheque n.º 902366, para esta pequena lembrança, para estes mais cem «para suavizar tanta dor no Calvário», para o primeiro ordenado de uma filha, para um vale de mil «em cumprimento de uma promessa», para mais 2.500\$ de Linda-a-Velha, para mais 500\$ «em memória de meus pais», para mais cem de Lisboa, e para outro tanto «por uma grande graça», e para esta «OFERTA para o Calvário» tão conhecida de nós pela letra!

Toma um pouco do calor que vem nestes 500\$ de Lisboa e «pena de não mandar mais, mas sou pobre». Os Pobres são amigos dos Pobres. «Vivo só do ordenado do meu marido»!

Agora são terras! Amigos certos! Braga com vinte. Praia da Granja com cem. Algés com 500\$. Mação com cem. Porto com cinquenta. Évora com roupa. Alvalade com cem, e «quando puder torno». Beira (M.) com 250\$. Covilhã com vinte. V. Real com trinta. Ermezinde com cem. Serpa com 270\$. Cerdreira do Coa com 50\$. Elvas com o dobro.

Lê comigo esta carta: «Envio mil escudos, quantia que retiro do meu ordenado mensal, para ser aplicado no Calvário. Esta é a minha acção de graças por tudo o que recebi este ano: saúde, bons resultados dos meus alunos e dos meus filhos». Muito temos que aprender uns dos outros! E torna a reparar bem em quem dá e como sabe dar! Anónima da Murtosa com 250\$. Maria Isabel de Lisboa com 6.000\$ rogando uma missa de acção de graças, e silêncio absoluto sobre quem é. Maria Elvira do Porto com 200\$ de gratificação que recebeu pelo

Natal. Avó de muitos netos com 500\$ por alma do marido. Amigo de Braga com o aumento de vencimento, 500\$. Pensar nos outros é nota bem discordante no mundo egoísta em que vivemos. Mas graças a Deus que há excepções! Vejam mais esta: «Para tapar qualquer buraco no Calvário junto 652\$, correspondente ao meu aumento de ordenado». Irene do Porto, M. da Conceição, Maria do Porto, com óbulos diversos. Marília da Póvoa com 500\$. Outro tanto de Maria José, do Porto. E ainda outra Maria com cinquenta. Mãe infeliz com cem. Avó do Porto contente no seu aniversário. Rosa agradecida. Teodoro da capital com cem. Ana Maria com metade. A. P. com o dobro. Doadora de sangue prometeu e creio que não falta com vinte mensais. Com importância idêntica e igual constância está aqui «uma doente para doentes». Alice pede pelo filho que tem em Angola e junta 500\$. Samaritana com vinte. Amiga do Porto com cinquenta. Laura do Porto com 450\$. Empregado do Banco Inglês com óbulo. Sofredora da Mealhada com cem. Alice de Gaia com 500\$ em acção de graças. Odete com cinquenta. Raul do Porto torna. Rui, de Moçambique, também. Mãe amargurada com vinte. M. A. com 40\$. Sacerdotes reunidos no Calvário entregam para os irmãos que sofrem 490\$. Alguém pede por alma de dois Josés. Outro alguém diz que este mês não é possível enviar mais do que 150\$. E ainda alguém do Dundo está aqui com muito amor. E torna. E como ele a Portuense Maria por ter colocação e promete que todos os meses seguirá donativo idêntico. Maria da Graça com 220\$. Professor no seu aniversário comunica alegria aos que sofrem. Alguém pede um P. N. Marido amigo envia «promessa de minha mulher, 200». Outra promessa para a Maria Alice, «se Deus não a tiver chamado a si». Gordã e feliz é que ela está! Em sufrágio de Manuel e Ana 500\$. «Para os meus queridos irmãos do Calvário, 40\$». Mãe pede à filha que envie no início das férias 200\$ para os doentes. Esta é formada e obedece.

Repara nestes cinquenta, depositados no «Banco da Eternidade». Nestes mil dum visitante. Nestes 500\$ da rua do Rosário. Nestes 25 dollars de Newark, pedindo saúde, para um amigo. Nestes 531\$ entregues no «Comércio do Porto». Nestes donativos variados deixados no Espelho da Moda. Na quinta e sexta prestação da promessa de M. C. Nestes cem por alma de quatro entes. E também nestes 500\$ para «os santos mártires doentes». Assinantes com 450\$, com 300\$, com cem e outros com o excedente ao pagamento da assinatura. Mais dois dollars. Ainda mais cem de Mondrões e metade de Avelal.

E agora olha para a dimensão desta coluna, e fica contente mais eu, porque no mundo há valores que o mundo não pode destruir, antes constroem o mundo novo onde reina o Amor.

Padre Baptista

BELEM



Casa Nova é agora o centro de interesse, (a julgar pelos ecos que nos chegam), embora se note certa hesitação no tomar da dianteira. É que eu disse aqui, em 11 de Novembro passado, que o Senhor Ministro da Saúde e Assistência me prometera ajuda, mas não expliquei que tal ajuda não representará senão uma parcela, da ordem de 1/4

do preço total. Será uma contribuição volumosa e amiga, a vir quando puder ser, a qual não deve retardar, mas sim estimular outras parcelas igualmente amigas que não-de perfazer os restantes 3/4.

Portanto, nada de se ficarem a olhar uns para os outros, à espera do primeiro que tome uma decisão realista e salvadora, pois nós contamos com muitas migalhas, de muitas dimensões, vindas de todos os cantos onde «O Gaiato» chega, as quais hão-de, por sua vez, dar confiança ao Senhor Ministro de que a sua fatia não será em vão.

Vamos, então, começar?

Temos, para já, os 5.425\$00 a que me referi no último jornal, mais 1.046\$00 (produto de três vendas do jornal que se seguiram à primeira), mais 5.000\$00 do Governo Civil de Viseu, mais 2.000\$00 que foi possível pôr de parte, depois do encerramento das contas de 1961. Total — 13.471\$00.

Precisávamos de 800 contos. Precisamos agora só de:

800.000\$00
— 13.471\$00
786.529\$00

Quem fornece mais subtrativos?

x x x

Agora passemos à nota das presenças à Obra até 31 de Dezembro findo.

De Algueirão 30. Nota de 50 de Moçambique. 10 dollars de Newark. Vale de 50 de Maria Amélia, de Lisboa. 20 para as borcos do Natal. Por Senhora da L. U. C. F. de Santarém, 50. Vale de 400 de José Sebastião, do Porto. 100 por um Snr. Cónego da Sé de Viseu. Assinante 9699 enviou 50 para melhorar a ceia do Natal. Outro tanto para o mesmo fim, da Assinante n.º 7221. Nota de 20 de «uma portuense qualquer». Ilda, de Castro Daire, 50. De uma professora de Serpa, 70. Duma amiga que quer ser tia das belenitas, 100. Vale de 300 de Algueirão. Duma vicentina e amiga de Oliveira, 100. Vale de 50 por Gina Maria. Entregues em casa 50 e duas camisolas. Outro tanto de João Pereira, de Elvas. Nota de 20 de Ervedal da Beira e outro tanto de Mira. De Cândida Maria 50 para o bolo-rei. Um cheque de 100 de Vila Pery, Moçambique. O Mestre de obras de Águeda voltou com três de 100. Agora 40 do anónimo de Lisboa, que aparece todos os meses. Distinto médico de Viseu e Esposa mandaram entregar na nossa casa nota de 500 e três caixas de camisolas interiores. Cheque de 500 de M. G. Paixão, de Lourenço Marques. Menina Gracinda e Pai mar-

caram a sua presença de todos os meses com a habitual nota de 50 e fruta. De Senhoras de Viseu 100, mais 50, mais 50.

De Paço de Sousa chegou vale de 2.500\$00.

Da Casa do Gaiato do Tonal 300\$, bolachas, roupas e revistas, por intermédio de Padre Sobral.

O Presidente do Rotary Club de Viseu visitou-nos com alguns sócios e entregaram cobertores e quase meio cento de camisolas, a maior parte confeccionadas por Senhoras e meninas daquele Clube.

As alunas do Lar do Imaculado Coração de Maria também nos visitaram e distribuíram às belenitas fruta e bolos, produto das suas renúncias à sobremesa.

O Centro Comercial das Beiras enviou 20 metros de riscado. Do Armazém Almeida e Campos recebemos meias e lenços. O Armazém António das Águas enviou 50\$00. O Grémio do Comércio de Viseu marcou a sua presença com 300\$00.

Recebemos roupas, calçado e livros do Dafundo, de várias Senhoras de Lisboa e do Porto, de Moscavide, da Guarda e da Rua Miguel Bombarda, em Viseu.

Bolos-reis, doçaria, rebuçados e pão de muitas famílias de Viseu, dum sacerdote e da Padaria Madeira. Bacalhau, batatas e couves do Senhor Almiro, da Avôzinha das belenitas e doutras pessoas cujo nome desconhecemos.

E pronto! Se algo ficou por apontar, que nos desculpem os interessados.

Cheia de pena fico eu por não poder transcrever aqui algumas passagens de muitas cartas que acompanham estas dádivas, com palavras de interesse, amizade e estímulo. Mas o espaço não chega para mais.

Por tudo, bem hajam e que o Senhor vos pague com as maiores prosperidades e graças, no ano de 62.

Inês — Belém — Viseu

Nota da Redacção: Este artigo ficou retido por falta de espaço. Chega-nos a feliz notícia, de que as presenças dos leitores à casa nova estão a redundar em animado convívio. Graças a Deus.

Filhos de pai incógnito

Outro dia, recebemos uma carta. É dum advogado. Ei-la:

«Embora o não conheça pessoalmente, tenho-o conhecido espiritualmente, sobretudo, através dos seus artigos no «nosso» Gaiato, sobre o grave tema, sempre actual, «Filhos de pai incógnito».

Não há dúvida de que se trata dum problema grave de moral, nódoa terrível que pesa sobre esta sociedade decadente, e para cuja «lavagem» somente a criação de penalidades fortes, poderia ser lexívia eficaz. Não há dúvida de que a benignidade com que a nossa Justiça tão injustamente se aplica a estes crimes de leza-humanidade e sobretudo, grave ofensa à doutrina do Divino Mestre, dá incentivo aos luxuriosos e animalescos gozadores da vida, para estes actos pecaminosos, que são a vergonha da nossa época.

Conheço muitos rapazes e homens a sofrer amarguras de «filhos de ninguém», como suponho ser o seu caso e ainda recentemente ajudei um deles a receber, pelo menos, a parte material dos bens de seu pai, por um processo moroso e custoso, em que, para vergonha dos seus irmãos legíti-

mos, foi preciso instaurar processo, porque pretendiam excluir dos direitos à herança quando se tratava de um caso público e confesso pelo pai, antes de morrer.

E quantos casos se desenvolvem sem facilidade de reparação, mesmo tardia, como este!

Continue, pois, meu amigo, a debater este assunto sempre oportuno e infelizmente actual, porque o pecado continua em luta com a virtude e a pureza de costumes.

Nesta descida para a vida loda e escorregadia, não há lugar para vacilações ou transigências. Já que ao menos, podeis utilizar o vosso Gaiato para levantar protesto contra esta anomalia que quase se vai legalizando.

Fazei-o com desassombro, mostrando que a vossa dignidade se mantém impoluta, e não podeis ser responsáveis pelos delitos dos vossos pais. E que o Menino Jesus faça renascer nos vossos corações o SEU AMOR, a SUA PAZ e a SUA BENÇÃO DIVINA, para que a vossa vida seja cristalino exemplo de graça e de pureza, no meio de tanta corrupção em que a maioria da nossa ju-

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

Eu creio dar hoje uma notícia muito alegre aos nossos fieis amigos que persistentemente vão ao Montepio Geral, entregar a sua contribuição para a nossa casa. Este ano decidimos que tudo o que lá fosse depositado seria para a nova máquina da Tipografia. Quando para uma igual, em Paço de Sousa, o nosso Pai Américo fez uma campanha que ficou célebre no Gaiato, para a do Tojal não se faz campanha. Já se falou demais em campanhas, já se falou demais em aparatosa generosidade. Que isto de ir uma pessoa pelas ruas da baixa e entrar no Montepio, silenciosa e devotadamente subindo as escadas do primeiro andar, como quem reza e voltar ao bulício das ruas com a alma aliviada e inundada pela alegria de dar, é gesto mais nobre e dignificante. É assim que este ano lá foram muitos amigos. E sem saberem uns dos outros, concorreram já, com cerca dum quarto do custo da máquina. Nós não vivemos dentro de orçamentos, nem de verbas, nem de receitas certas, tão pouco para o nosso pão. Mas Deus providencia. É isto mesmo que a Obra da Rua tem de mais misterioso e ao mesmo tempo mais delicioso. Não há mesmo nada que eu goste tanto de mostrar aos meus rapazes do que este afluir certo mas irregular do mínimo indispensável à criação e educação deles. E assim, ao fim dum mês, dum ano, ou de muitos, sente-se uma felicidade de doce-amarga, porque Deus deixando-nos sofrer e esperar nunca nos falta. É aqui

ventude se permite vegetar — porque não é vida mas somente princípio de morte.

Vosso Amigo e admirador dessa Obra, desde a fundação, me subscrevo, O.»

Graças a Deus que o grito vai chegando até onde é preciso que chegue, e vai deixando eco.

Quantos advogados inventam argumentos e bases, testemunhos falsos para encobrirem o que é sabido publicamente! Quantos deles defendem a mentira, só porque o réu é rico e a vítima é pobre! A Honra fica desfeiteada pela ganância do dinheiro, e a Justiça enganada pelas teses falsas dos que procuram nome e dinheiro, inventando e fantasiando testemunhos com que possam encobrir a verdade.

Pois, senhores advogados, temos todos que falar como este Amigo, e sentir como ele. Só assim poderemos diminuir a corrupção duma sociedade que se diz cristã e não vive como tal.

Que todos saibam sentir com consciência, de que lado está a verdade, porque sem AMOR não há JUSTIÇA, e sem isto não pode haver PAZ.

Queira Deus, que esta carta tão bela, de uma consciência sã, te sirva de base para podermos todos servir mais e melhor o nosso semelhante.

Ernesto Pinto

que nasce a nossa certeza. Esta máquina custa 295 contos. O nosso tractor custa cento e trinta. A nossa Colónia de Férias vai custar mais de cem. E no fim de tudo a nossa angústia, a nossa aflição, a nossa ansia incontida de salvar estes Rapazes da rua, é sempre satisfeita, saciada e recompensada. Que se alegrem todos os nossos amigos ao sentirem-se como nós instrumentos de Deus para a recuperação destes rapazes.

Na impossibilidade compreensível de dar todos, damos alguns dos que foram ao Montepio. O assinante 2851 e uma senhora idosa. Alice que aparece com toda a pontualidade. Quantias anónimas de 5, 20, 50, 100, 5.000 e 2.000\$. Mais metade da visita domiciliária da Capela de Santa Filomena, no Lobito. L. Gomes e A. S. como sempre. De um pecador, várias vezes para nós, Calvário e Belém. Mais de Maria da Graça e doutros amigos que se fazem conhecer só por iniciais. Da Secção de Depósitos do Montepio vinte e toda a bondade e paciência e carinho que todos, desde a Gerência, têm para connosco. H. Duarte 50.

Entrega do Pessoal do Banco

de Portugal por intermédio do Snr. Jorge Pereira, 4.644\$50 e mais para o Património e assinaturas. Donativo duma jovem médica 235\$.

De três amigos 4.500\$ e 1.300\$. Cumprindo uma promessa com e duas irmãs vinte. Uma Maria de Lurdes 46\$ e outra Lurdes de Lisboa 110\$. Paulo Emílio cem. E anónimo mil. Para os Pobres cem. Eles são tantos! O último caso é o duma avó cancerosa que fica durante o dia com quatro netinhos no seu leito de dor enquanto as filhas, ambas abandonadas dos maridos, procuram por fora o sustento. É nas barracas de Monsanto. Mais um anónimo com 400\$ e outro com 5.000\$. Zina com dez, muitas vezes. Para o Calvário 6.000\$. Por alma de Celeste vinte e um quarto de B. Nogueira. E por último um donativo escondido de vinte e cinco contos. Esta generosidade escondida, para além do bem que gera e do proveito que nos traz, atrairá certamente as maiores bençãos de Deus para quem assim sabe dar. Porque é amando que se é amado. Deus acrescenta o Seu amor em todos os que nos amam.

Padre José Maria

CHALES DE ORDINS

A doença faz pensar. Por vezes só o leito faz com que os nossos olhos se fixem no céu.

Perto de Ordins, vive alguém a quem a doença, há já alguns meses, prendeu ao leito. Nunca a saúde o levou até junto do Sacrário, mas a doença levou-lhe a casa o Senhor do Sacrário. E esse alguém recebeu-o de braços abertos porque o Senhor solitário vinha acompanhá-lo na sua solidão. O Senhor dos Pobres vinha partilhar da sua pobreza. E recebeu-o de braços abertos porque «sentia um vazio» que só o Senhor pode encher.

E nessa casa onde é preciso que nos verguemos para entrar e sair, deixei o Senhor dos Afritos. E dessa casa trouxe comigo o anseio dos Pobres: uma casa onde não chova, uma cama onde não haja frio e um frasco de remédio para aliviar a doença.

Sempre teremos Pobres connosco, mas teremos sempre connosco quem queira ajudar a levar a cruz dos Pobres? Há tantos que são tão fáceis de contentar! Pedem pouco, mas esse pouco para eles é tudo.

Basta que lhes demos um pouco de afeição, que nos interessemos um pouco por eles. Mas, como poderemos estimar e interessarmo-nos por alguém que não conhecemos?

Há quem julgue que não há Pobres porque nunca entrou na casa dum Pobre. Há quem não se interesse pelos Pobres porque nunca falou com eles. E há tantos com alma de san-

tos! Tantos velinhos enterrados no leito esperando a hora da partida apenas com estas palavras nos lábios: «que a vontade de Deus seja feita». Os seus dias, são dias de oração. O terço é o seu companheiro de todas as horas. Suas orações vão de casa em casa levar uma ajuda e pagar uma esmola. Quem quer ter o seu quinhão no tesouro destas orações?

Seguiram para Lisboa 16 chales dos maiores, 4 dos médios e 6 dos pequenos, 18 camisolas — 10 por intermédio da Mocidade Portuguesa, ala 1, Centro 2, — 2 cachecóis e 12 pegadeiras.

Da Comissão M. da Assistência de Penafiel uma encomenda de 600\$00 e um donativo de 400\$00.

Para o Estoril foram três chales dos pequenos, 1 dos grandes para o Porto, Coimbra, Arouca, Trancoso.

3 grandes para o Souto da Carpalhosa. 2 grandes para as Caidas de Moledo.

De Angola um Senhor pediu-nos para enviarmos um para Coimbra. 1 dos médios para Moimenta da Beira. 1 colcha de berço para Aveiro. Uma camisola para Irivo.

Obrigado, Guimarães, pelo seu canto e pelo seu trabalho e boa vontade.

Vieram também três esmolas de cinquenta escudos para melhoria do Natal dos nossos Pobres. Obrigado, bons amigos.

Padre Pires



SETÚBAL



«Eu por mim estou a gostar muito da autoridade do Chibinho — recto e consciente. Deus o ajude neste princípio».



«O Teixeira é um radinha azulado, mas de há-de ver que a demasiada autoridade é má educadora».

Sempre que ralho e tento educar, lembro-me de uma legenda em azulejo que está na parede de um corredor aqui em casa: O Carinho e o Amor tudo vencem.

Muitas dores, muitos «figados», mas depois sentimo-nos contentes.

Nunca dei tanto apreço e compreendi como agora o sentido da Caridade.

(De uma carta do Ernesto Pinto)

Eleições—Um barco sem comando, corre sem rumo. Assim nas nossas casas. É preciso que haja o chefe. É uma das bases da educação de Pai Américo. Tem um certo sabor ser um deles a mandar.

Sem propagandas, sem panfletos, sem nada, realizamos as nossas eleições. Snr. Padre Acílio falou da responsabilidade do cargo de chefe, e dos eleitores. Antes, pedimos a protecção do Espírito Santo, dado que o acto era de pedir Luz.

Os rapazes compreenderam, e escolheram logo no primeiro escrutínio. Assim, temos o Teixeira em maior, e o «Chibinho» chefe substituto.

Nós esperamos que estes dois rapazes nos ajudem a elevar os outros, para que amanhã sejam homens de consciência.

Honra — Foi o casamento do «Quim», aquele jogador que era do Sporting e agora é do Vitória de Setúbal. Alguém, muito nosso amigo, quis dar-nos a honra de ser a nossa Capela o lugar de tal enlace matrimonial.

Os jogadores do Vitória estiveram presentes com os seus Directores, e o grande e correcto técnico Biri. Todos são nossos amigos. Ele é entrada nos desafios, ele é bola, e não sei que mais. Obrigado pois, e felicidades para o Clube e prós noivos.

Tourinha—Mais uma que nasceu de manhãzinha e todos souberam do alarme, e correram prá vacaria, onde fui dar com o Tiroliro a deitar a tourinha nas folhas secas.

Só queria que tu pudesses ver com que jeito e carinho ele o fazia!

Ernesto Pinto

MIRANDA

Ginástica—Esteve connosco o nosso 1.º cabo miliciano, «de armas pesadas», professor Carlos Manuel, vindo de Tavira e que a estas horas já se encontra passeando pelas ruas da «Venosa de Portugal»—Aveiro, sua terra natal. Pois este senhor, para dar as despedidas de 1961, quis, no último dia dele, mostrar-nos o que já tinha aprendido neste particular. «Parece que os rapazes percebem daquilo!» Viemos de lá tão «à vontade», que muitos não fizeram reparo à quadra que atravessamos... foram meter-se na piscina. Aquilo deve ter sido influência da T. V. que dias antes apresentou o dito «Banho do Natal».

Piloto—Há pouco, ainda, dissemos

nestas colunas que o Piloto estava velho; agora damos a notícia da sua morte dentro dum poço. Como ali fora parar não sabemos. Sabemos que apareceu, lá dentro, morto. Quando soube, fomos ficámos tristes, porquanto, apesar de velhinho, continuava a ser o guardião da nossa quinta; e a manter um pouco de respeito que outrora teve, nestes arredores. Um dos nossos rapazes, a passar junto dele, quando ainda estava ao pé do poço, não se conteve e começou a chorar. Foi sempre muito fiel. Para onde quer que fôssemos lá ia o Piloto fazer-nos companhia. Enquanto novo, de meia em meia hora aproximadamente e durante toda a noite, ia o Piloto dar uma volta pela quinta a ver se tudo estava em ordem.

Gabri

LAR DO PORTO

Amigos leitores: cá estou a dar notícias do Lar do Porto. Dantes era do Beire; agora passo a dá-las deste Lar. Como era o cronista que mais sortinha, vamos a ver se os senhores não me deixam ficar mal.

— Começo por pedir um frigorífico, esse que há muito tempo é pedido nas colunas do nosso jornal, e que não há maneira de cá chegar. Vamos a ver se os senhores me fazem uma estreia como deve ser!

— Alguns dos nossos Pobres também foram atingidos pela chuva do Rio Douro. A água entrou-lhes pela casa dentro sem pedir licença e levou-lhes «tudo». Só ficaram com a roupa que os agasalhava. Por isso, em nome deles, peço-lhes que não se esqueçam de mandar uns agasalhos para que possam ter que vestir.

José Maria Pereira Felgueiras

Visado pela Comissão de Censura

Carta Aberta

★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★

AO SENHOR MINISTRO DAS OBRAS PÚBLICAS

Ex.mo Snr. Ministro:
Vimos agradecer o cheque há dias chegado.

Como nos mais anos, reservámos 200 contos para as obras nas Casas do Gaiato e Calvário e destinámos 300 ao Património dos Pobres.

Graças a Deus esta Obra tem continuado a produzir seus frutos. Quantas casas erguidas e quantas inteligências e corações debruçados sobre a causa dos Pobres, neste capítulo fundamental que é para qualquer Família o problema da habitação!

De 1 de Janeiro a 30 de Novembro deste ano, passaram por nossas mãos 437,2 contos, o que, na média dos 5 por casa, dá 87 casas. Há a juntar as que se levantam sem a nossa interferência. Outra modalidade que tem crescido à sombra do Património dos Pobres é a daqueles trabalhadores que, estimulados pela promessa do telhado, se lançam na construção das suas casitas, pedindo materiais e esmolas e ajudas em mão de obra e empenhando nelas todas as horas livres e todas as economias (se é possível tê-las um Pai de Família que vive da sua jorna!...)

Nós temos assistido a «milagres de multiplicação». E nem são tanto as casas erguidas o que mais nos entusiasma; é que esta modalidade faz homens. Dá-lhes confiança em si mesmos; restabelece-a relativamente aos outros. Fá-los apreciar o valor autêntico do trabalho. Há homens que ontem não primavam pelo brio e pelo amor ao Lar (que em verdade não existia!) e hoje gastam-se a melhorá-lo. Ressurreições!

O Pároco de Aguiar da Beira que dirige essa excelente Obra, e mais acabada, que se chama **Auto-Construção**, tem testemunhos admiráveis sobre a valorização humana e social dos elementos das equipas que tem orientado. Esta Obra exige um esforço de organização que não podemos esperar da maioria dos Párocos. Mas o que quase todos eles podem é orientar a iniciativa de um chefe de Família que aspira à construção ou melhoramento da sua casa, ou, ao menos avalizá-la, quer dentro da Paróquia, quer junto de nós, que prometemos acorrer e temos ido com o telhado mal a casa está em pé de o receber, desde que a construção seja segura e as dimensões suficientes para a boa higiene física e moral da Família a que se destina e possa ser concluída com o somatório

de recursos conseguidos, ou, pelo menos, tornada habitável em condições razoáveis em que tudo o que se faz é definitivo.

Tão pequenina é a ajuda que, em nossa gíria, chamamos a esta modalidade de «Pequenos Auxílios». Eles andam em média pelos 1.500\$ e, considerada ela, a quantia que a título desta rubrica passou por nossas mãos até 30 de Novembro, 328,8 contos, deu para resolver o problema de 219 Famílias. Solução modesta, demasiado modesta para a importância social que tem. Uma Família decente, humanamente instalada que valor não é! Quem nos dera podermos ir mais além, ao menos aos 2.500\$, para que o acabamento das casas fosse melhor. Mas dentro de uma exigência sumária, sem burocracias nem

empates que assustam e paralizam a nossa pobre e boa gente do Povo! Quem nos dera podermos convencer as Câmaras de que um Coucelho ganha mais em ter casas cuja construção foi liberta de alcavalas fiscais, do que em permanecer, por causa destas, em mais casebres, mais barracos, mais furnas, que nem sequer são objecto de tributação!

Quem nos dera podermos prometer aos corajosos empreendedores da sua casa, uma assistência financeira e técnica fáceis, que soubessem compreender, respeitar, fazer-se desejar, portanto discretamente impor-se; e tivessem diante de si a certeza de que sempre e em todo o lugar (com maioria de razão neste nosso arranque de um atraso tamanho!) «o

ótimo é inimigo do bom»!

Agradecemos, pois, o subsídio que ajudou a consecução dos resultados que apresentamos.

Pedimos a V. Ex.^a que não esqueça o auxílio futuro.

Vimos, há dias, que a habitação do funcionário vai ser um dos capítulos principais da

dinheiro, e que conseguem vir a possuir o real valor que é uma casa sem quase ter sido preciso o dinheiro. As vezes, pouco mais arranjam do que a migalha que nós damos...

Peço-lhe, pois, Senhor Ministro que me faça ir por mais terras lançar a mesma semente, proporcionando-me com que

oferecer mais telhados. Pode não ser (não é de certeza) uma obra vistosa! Mas é, de certeza, uma obra verdadeira, a bem da Nação.

Cumprimenta cheio de respeito e grato, o

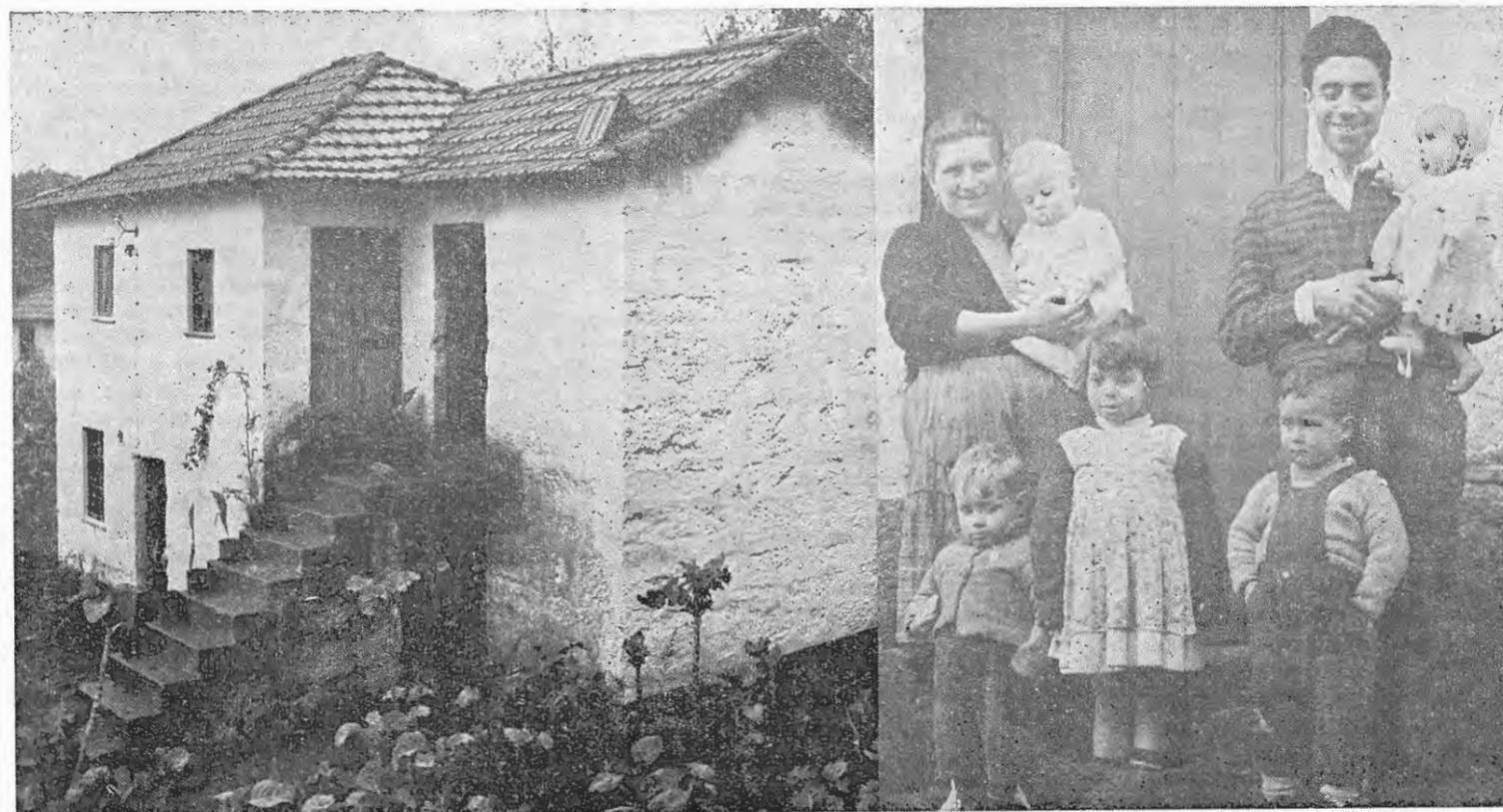
P. e Carlos

Post Scriptum

Já agora, e aproveitando a carta acima como Relatório das actividades do Património dos Pobres no ano que findou, nós acrescentamos os números referentes ao mês de Dezembro e com eles damos o total do que passou por nossas mãos em 1961:

PATRIMÓNIO DOS POBRES.....	584.215\$40
PEQUENOS AUXÍLIOS.....	403.080\$00
AUTO — CONSTRUÇÃO.....	20.000\$00
	1.007.295\$40

UMA HISTÓRIA VERDADEIRA



Chama-se Ermelindo. É sapateiro. Tem 5 filhos. O sexto anda no ventre da mãe. O que ele tem ao colo já fez três anos. É mais pequeno que o outro, de oito meses, que está ao colo da mãe.

Há uns seis anos comprou o terreno e começou a partir a pedra. Depressa se esgotaram suas pequenas economias. Teve de parar.

De três em três meses vai ao Porto dar sangue. São um pouco mais de 200\$ que, com viagens, nem em tanto fica.

Com este capital recomeçou. Pediu emprestados 5 contos e de três em três meses vai pagando juros e amortizando com o dinheiro do sangue.

Outras economias...? Mas será possível a um sapateiro de aldeia, pai de 5 filhos, fazer economias?!

De qualquer modo, muito sacrificado embora, muito empenhado ainda, o Ermelindo tem uma casinha humilde, mas humana, para abrigar os seus. Óptima...? Não é! Mas quem lhe deu a mão, a mão prestável, fraternal, que ele merece, a mão simples e despida de formalidades, que só assim ele será capaz de aceitar?

Aqui têm os senhores, e mais a Técnica, de como com sangue também se fazem casas!

BARREDO

continuação da página UM
rentas do Douro terão ajudado a
lavar uma nódoa negra da cidade.

As águas desceram. Voltou a esperança. Vamos, acorre depressa à chamada e vai ajudar o Centro Social do Barredo a cumprir a sua missão. Sôzinho, nada poderá fazer. Com o teu auxílio, com o auxílio de todos — sim! Se tu vieres, se tu ajudares, o Barredo, de triste memória, há-de transformar-se por completo.

E não julgues que podes eximir-te facilmente a este pedido, não por ser, como é, um imperativo da mais elementar justiça social — mas sobretudo porque é

também verdadeira imposição de caridade e o teu coração não pode assim esquecê-lo.

M. Cruz

O Barredo é bonito. Com suas ruas tortuosas, seus cachorros de granito, varandas de ferro batido, seus largos, seus nichos e alminhas; — o Barredo é bonito. Se dentro das casas houvesse pão, a Escarpa do Barredo poderia ser mostrada. Assim tem de ser escondida!

Pai Américo

